

Editorial

É num contexto de grande transformação institucional que o Centro de Ciências Humanas e Sociais do UNIFESO lança mais esta edição de seu periódico, a Revista UNIFESO - Humanas e Sociais. O ano de 2018 marca a entrada decisiva da Instituição na grande área do Ensino à Distância (EaD). Para além do pessimismo - ou alvoroço - com a utilização massiva de tecnologias na educação, é fato que se trata de uma guinada radical no modo como se compreende o processo educacional nesta IES. Todo este arranjo nos encorajou, inclusive, a propor um Dossiê exclusivo sob a temática *Educação e Tecnologia*, que será o próximo número deste periódico.

A edição que agora lhe apresentamos, no entanto - o quarto número da Revista UNIFESO - não tem este enfoque. Aliás, entendemos que, como todo e qualquer periódico na área das Ciências Humanas e Sociais, cada uma das publicações manifesta, sempre a seu modo, a importância, jamais perdida, mas por vezes esquecida, das *humanidades* na formação humana, e é a isso que as próximas palavras são dedicadas. É notório que, diante do progresso sempre contínuo da ciência e da técnica, a área de Ciências Humanas e Sociais, que doravante chamaremos somente de *humanidades*, perde seu espaço e, por que não dizer, seu encanto. Imerso no *reino da quantidade* - expressão que o grande pensador francês René Guénon utilizou para se referir ao "espírito" de nosso tempo - o *sentido* das coisas parece nos escapar.

No seio da cultura da quantidade, é difícil entender, por exemplo, o *acontecimento* do desabrochar de uma rosa para além da mensuração direta ou apenas visual do crescimento desde o botão até a flor. Nosso olhar e nosso pensar, domesticados desde a infância para o técnico, percebe e "calcula" o crescimento do botão à flor, mas não contempla o desabrochar da rosa, seu "vir a aparecer" ou simplesmente "ser": a rosa se desabrocha avançando na abertura do mundo, e permanece neste aberto, aí se mantendo oferecida à contemplação. Talvez esta seja a percepção mais profunda que o pensamento grego nos legou da ideia de *ser*, isto é, o exercício de dizer o que é o *ser* sem aprisioná-lo numa certeza necessariamente "incerta". Este é o grande enredo da cultura grega e cujo

sentido ainda vigora no interior das *humanidades*. Este enredo, no entanto, encontra-se, desde à muito, esvaziado e empobrecido diante do predomínio radical do discurso tecnocientífico nos dias de hoje. Este sim, assentado na certeza da racionalidade científica. Daí o imenso desafio que temos diante de nós, das *humanidades*, de representar um modo diferente de abordar e um padrão de "racionalidade" que não convém, se assim podemos dizer.

É evidente que não se trata de fazer um paralelo direto entre o progresso da tecnociência e a barbárie social em que nos encontramos cada vez mais inseridos. Isso seria ingênuo. Mas de ressaltar a importância da produção e difusão de um conhecimento que ainda guarda certo contato com este pensar "essencial". Um tipo de "meditação" que, no vigor de suas origens, salta por sobre a desfiguração e decadência do pensar inteiramente "calculista" que predomina em nosso tempo, e abre as possibilidades de uma apropriação mais integral dos fenômenos que nos cercam e, por que não, daquilo que *somos* enquanto humanos.

É na esteira dessa percepção de mundo e como instância de resistência diante do "abandono" de mundo por parte das ciências "duras", que a Revista UNIFESO - Humanas e Sociais permanece firme em sua caminhada. Afinal, é desde o contato que as *humanidades* ainda mantêm com o pensar "essencial" que seremos capazes de fomentar qualquer transformação no modo pelo qual abordamos as questões, refletir juntos sobre um senso outro de responsabilidade e crítica. Acreditamos que essa seja a missão de um periódico da área das *humanidades*: oferecer condições para o florescimento do humano, seja em sua relação com os outros, seja com o mundo, tornando o conhecimento, uma vez mais, a primavera da vida.

João Cardoso de Castro
Editor-chefe